

Trechos e comentários dos livros de Yukio Mishima

Confissões de Uma Máscara:

“Durante muitos anos afirmei que podia me lembrar de coisas ocorridas na época de meu nascimento. Quando dizia isso, os adultos primeiro riam, mas depois, desconfiados de que estavam sendo logrados, olhavam com desagrado para o rosto pálido daquela criança que não parecia criança. Às vezes acontecia de eu dizer isso na presença de visitas que não eram amigos chegados da família; minha avó, então, receando que eu fosse tomado por idiota, interrompia-me com voz cortante e me mandava ir brincar em outro lugar” (*Confissões de uma Máscara*, 1985, pg. 7)

Após o fim da Segunda Guerra Mundial o Japão foi tomado por uma nova onda de influências estrangeiras, Yukio Mishima surge com um dos escritores mais promissores de sua época, algumas vezes adorado pela crítica, mas outras polemizado por seu conteúdo. Dentre as muitas obras publicadas, *Confissões de uma Máscara* foi o livro que definitivamente lançou Mishima para o mundo da literatura japonesa. Revivendo as memórias da infância até o início da juventude, Kochan – o narrador/personagem – conta seus desejos, obsessões e desgosto mais profundos. A avó doente, sistemática e amante da arte cria o garoto como seu servo e protegido, onde ele tem raros momentos para socializar com outras crianças, assim, o garoto começa a descobrir o mundo pelos caminhos das palavras e das artes. Os passeios na casa das primas, a adoração pelo colega de sala, a obsessão do “primeiro beijo”, todas as experiências de Kochan parecem estar rodeadas de Noite, Sangue, Morte e Sexualidade, frutos de uma imaginação que não somente o ilumina, mas também o tormenta. Muitos encaram esta obra como uma autobiografia não assinada de Yukio Mishima, outros como uma ficção inevitavelmente parecida com a vida do autor. *Confissões de uma Máscara* deixa em cheque os limites da ficção e autobiografia.

Davi Vassão Rodrigues

Mar Inquieto:

“Utajima é uma ilha pequena de mil e quatrocentos habitantes e nem quadro quilômetros de extensão costeira.” (*Mar Inquieto*, 2002, pg. 5)

“O rapaz terminou há dois anos o curso médio e tem, portanto, dezoito anos. É alto e magnificamente constituído, e o único detalhe físico que condiz com sua idade são as feições, que ainda conservam certo ar infantil.” (*Mar Inquieto*, 2002, pg. 8)

“(…). A tonalidade saudável de sua pele não diferia da de todas as garotas da ilha, mas o frescor dos olhos e a suavidade das sobrancelhas chamavam a atenção. Contemplava fixamente o céu a

oeste, onde o sol era um ponto rubro descambando em meio à massa de nuvens escuras” (*Mar Inquieto*, 2002, pg. 9)

Após sua viagem ao redor do mundo, Yukio Mishima volta ao Japão ávido por novos estilos. É neste tom cristalino e sereno que Mishima desenvolve a história de Shinji, um jovem em plena harmonia com o mar, mas este mesmo mar transformará sua vida por completo. A “odisseia” vivida na ilha será dividida com Hatsue, filha de um viúvo rico e dono de uns dos maiores barcos da ilha, que vê no jovem Shinji algo de esplêndido que será posto à prova, não só pelo pai da moça mas como pelos rivais que a querem conquistar. Publicado em 1954, *Mar Inquieto* logo teve a aprovação do público e entrou para a lista de mais vendido junto de *Confissões de uma Máscara*, *Templo do Pavilhão Dourado* e *Cores Proibidas*.

Davi Vassão Rodrigues

Sol e Aço:

“De uns tempos para cá, dei de sentir dentro de mim um acúmulo de todos os tipos de coisas que não podem achar expressão adequada através de uma forma artística objetiva como o romance. Um poeta lírico de vinte anos se sairia bem dessa situação, mas eu não tenho mais vinte anos e, de qualquer forma, nunca fui poeta. Assim, andei buscando alguma outra forma mais apropriada para esse tipo de declarações pessoais, e cheguei a uma espécie de intermediário entre confissão e o pensamento crítico, um modo sutil ambíguo que a gente poderia chamar de ‘confidência crítica’.” (*Sol e Aço*, 1985, pg. 7)

As obras de Yukio Mishima o consagraram como escritor, artista, cineasta, dramaturgo e tantas outras funções no mundo literário e artístico. Mas, não é necessário fazer especulações de como Mishima chegou onde chegou, pois, reunidos nesse ensaio de 1969, estão os caminhos que levaram o garoto doente de Tokyo, a se tornar um homem que dedicou mente e corpo para alcançar a vida e a morte que considerava ser merecedor. Mishima nos revela como os ensinamentos do *Hagakure (O livro do Samurai*, por Yamamoto Tsunetomo), as noites de Novalis, os crepúsculos de Yeats e os clássicos do mundo grego, foram bases essenciais para suas obras, mas com o tempo algo de novo começaria a emergir para a superfície dos seus pensamentos, algo envolto em muito Sol e muito aço.

Davi Vassão Rodrigues

Cores Proibidas:

“Sempre que aparecia para uma visita, Yasuko costumava sentar-se sem cerimônia no colo de Shunsuke, que descansava numa cadeira de vime a um canto do jardim. Isso deixava Shunsuke

feliz. (...) Passara dos sessenta e cinco anos e não tinha nada que se pudesse chamar de passatempo. Não que se dedicasse a adquiri-los. Faltava-lhe a consciência do relacionamento objetivo consigo mesmo e com as outras pessoas, condição para um passatempo.” (*Cores Proibidas*, 2002, pg. 7)

“Era um jovem de beleza espantosa. Seu corpo, que exalava um tipo de beleza terna e em certo sentido hesitante, superava a perfeição de uma estátua da Grécia clássica, verdadeiro Apolo entalhado em bronze por um escultor da escola do Peloponeso.” (*Cores Proibidas*, 2002, pg. 32)

Uma vez aceito no mundo da literatura japonesa com *Confissões de Uma Máscara*, Yukio Mishima passa a trabalhar em toda sua desenvoltura como narrador e nos entrega *Cores Proibidas* entre 1951 e 1953. Nesta obra o velho escritor Shunsuke experimenta o fim de uma vida promissora na profissão, mas terrível no amor. Seu anseio em ver o sofrimento e a desgraça das mulheres é a fonte de inspiração que o torna o mestre do jovem Yuchi. A mente perversa de Shunsuke cria as situações perfeitas para o Yuchi seja seu instrumento de castigo ao mundo feminino. Mesclar a vida de um velho escritor, feio aos seus próprios olhos, com a vida de um jovem homossexual amante da sua própria imagem, dá a esta obra os elementos certos para um fim trágico, mas brilhante. Se um homem é lembrado pelas obras que ele faz, Yukio Mishima o necessário, e *Cores Proibidas* é certamente uma delas.

Davi Vassão Rodrigues

Templo do Pavilhão Dourado:

“Toda minha infância papai falou-me do Templo Dourado. Nasci em um promotório que se projeta no Mar do Japão a nordeste de Maizuru. (...) O céu era muito brilhante na cidade natal de meu pai. Mas todos os anos em outubro e novembro, mesmo em dias que não parecia provável surgir uma única nuvem, caíam várias pancadas de chuva. Fico pensando se não foi lá que desenvolvi meu temperamento instável.” (*Templo do Pavilhão Dourado*, 1988, p. 5)

No ano de 1950, um jovem monge budista atea fogo ao Templo do Pavilhão Dourado, um dos maiores monumentos japoneses. O acontecimento que chocou o Japão serviu como inspiração para Mishima produzir o romance homônimo ao prédio. Publicado em 1956, Mizoguchi, o protagonista e narrador, ouve durante toda a sua infância histórias sobre o Templo do Pavilhão Dourado contadas por seu pai, monge budista. Encantando pelo o que imagina ser o prédio mais belo do mundo, Mizoguchi acaba por desenvolver uma obsessão por este prédio. Durante sua juventude o narrador por recomendação de seu pai muda-se para Kyoto para tornar-se um noviço no Templo durante a Guerra, Mizoguchi deslumbra-se pela ideia do prédio ser destruído por um bombardeio americano que nunca chega, criando uma nuvem negra de ódio pelo templo do coração do noviço, desejando assim a total destruição do edifício ou o controle deste por suas mãos. O ódio e obsessão acabam por tomar conta de Mizoguchi, que acaba assim envolvendo-se em uma espiral de loucura movida pelo desejo de destruir ele mesmo o Templo do Pavilhão Dourado. Por se tratar de uma história verídica, Mishima esmerou-se em investigar os reais

acontecimentos para a criação de seu romance, inclusive visitando o verdadeiro incendiário na prisão. Apesar de certo compromisso com a veracidade dos fatos, o autor toma licença poética para criar seus próprios personagens, com motivações e desejos próprios para assim justificar seus atos.

Thainá Bertrille Garcia

Neve de Primavera / “Mar da Fertilidade”:

“Essa instintiva rejeição por qualquer pessoa que lhe demonstrasse afeto, essa necessidade de reagir com frio desdém, era um defeito de Kiyooki que ninguém poderia conhecer melhor que Honda, que considerava esse orgulho uma espécie de tumor que se apossara de Kiyooki quando ele não tinha mais do que treze anos e teve de suportar, pela primeira vez, o estardalhaço que as pessoas faziam em torno de sua beleza. Como a floração prateada de mofo, isso se espalha ao menor toque. Talvez, na verdade, a perigosa atração da amizade de Kiyooki por Honda tivesse suas raízes nesse mesmo impulso” (*Neve de Primavera*, 2013, p. 31)

Escrita durante os últimos anos da vida de Mishima e possivelmente finalizada no mesmo dia em que cometeu seu tão falado suicídio ritual, a tetralogia do “Mar da Fertilidade” acompanha o desenvolvimento da sociedade japonesa durante um período de aproximadamente 60 anos desde o fim da Era Meiji, com seu primeiro volume, *Neve de Primavera*, publicado em 1969 e situado no ano de 1912, o último ano desta era que marca o fim da reclusão da nação japonesa rumo a modernização, seguindo até meados da década de 1970, após a ascensão japonesa como uma potência econômica mundial e ocidentalizada.

Apesar de possuir um imenso valor para análise da sociedade japonesa e sua evolução durante o século XX, os quatro livros focam em narrar a vida de Shigekuni Honda e sua busca pelas reencarnações de seu amigo de escola Kiyooki Matsugae, este inicialmente conhecido pelos leitores como o protagonista do Volume I, *Neve de Primavera*.

O budismo possui grande força na obra, tanto em parábolas contadas pelos personagens e na forte presença do conceito de reencarnação, muito presente durante todos os quatro romances por ser o que move a busca de Honda, que pode ser visto como o protagonista da história ou apenas como um coadjuvante para Kiyooki e suas reencarnações.

“Mar da Fertilidade” apresenta diversos objetos já anteriormente presentes na bibliografia de Mishima, como a devoção ao sol e ao patriotismo de Isao, o militante radical e devoto do código samurai como retratados no ensaio *Sol e Aço*, a homossexualidade da princesa Ying Chan representada em *Cores Proibidas* e *Confissões de uma Máscara*, o sadismo do jovem Toru que também é visto em *O Marinheiro que Perdeu as Graças do Mar* e em muitos outros escritos do autor. O próprio conceito de várias personas vivendo dentro de uma só também já fora anteriormente tratado por Mishima em *A Casa de Kyoko*, onde a história de quatro homens representa a própria pessoa Yukio Mishima.

Thainá Bertrille Garcia